

O INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NO MUNDO GLOBAL E A ACD (FAIRCLOUGH)

*ENGLISH AS A LINGUA FRANCA IN THE GLOBAL WORLD AND THE ACD
(FAIRCLOUGH)*

ELAINE SILVA ALEGRE (UFMT)¹
ANTONIO HENRIQUE COUTELO DE MORAES (UFMT)²

Resumo:

Este artigo analisa criticamente o fenômeno do Inglês como Língua Franca (ILF) mediante a aplicação do quadro teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD), proposto por Norman Fairclough. Partindo do contexto histórico da ascensão do inglês como código global, investiga-se a dualidade inerente ao ILF: por um lado, seu potencial inclusivo como facilitador da comunicação transnacional em domínios como ciência, tecnologia, negócios e academia, permitindo adaptações culturais, flexibilidade linguística e apropriação identitária por falantes não nativos; por outro, seu papel na perpetuação de hierarquias linguísticas e desigualdades estruturais, vinculadas a contextos históricos de colonialismo e hegemonia neoliberal. A análise tridimensional de Fairclough (texto, prática discursiva e prática social), revela como os discursos de "neutralidade", "necessidade" e "eficiência" do ILF mascaram dinâmicas de poder, imperialismo linguístico e exclusão social, além de reproduzirem assimetrias no acesso ao capital linguístico. O estudo demonstra que a democratização comunicativa promovida pelo ILF é relativa e paradoxal, uma vez que coexiste com mecanismos de marginalização de línguas minoritárias e de falantes sem acesso à proficiência valorizada. Conclui-se, pela necessidade de políticas linguísticas, que valorizem o multilinguismo, contestem homogeneizações e promovam a justiça social, garantindo que o uso do ILF como recurso global, não ocorra à custa da diversidade linguística e cultural.

Palavras-chave: Inglês como Língua Franca; Análise Crítica do Discurso; Imperialismo Linguístico.

Abstract:

This article critically examines the phenomenon of English as a Lingua Franca (ELF) through the theoretical-methodological framework of Critical Discourse Analysis (CDA), as proposed by Norman Fairclough. Starting from the historical context of the rise of English as a global code, it investigates the inherent duality of ELF: on one hand, its inclusive potential as a facilitator of transnational communication in domains such as science, technology, business,

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT) e trabalha com a Assessoria de Parcerias Internacionais na Secretaria de Relações Internacionais (SECR/UFMT).

² Docente Permanente (UFR), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT) e ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis (PPGEdu/ UFR).

and academia, allowing for cultural adaptations, linguistic flexibility, and identity appropriation by non-native speakers; on the other hand, its role in perpetuating linguistic hierarchies and structural inequalities, linked to historical contexts of colonialism and neoliberal hegemony. Fairclough's three-dimensional analysis (text, discursive practice, and social practice) reveals how discourses of "neutrality", "necessity", and "efficiency" surrounding ELF mask power dynamics, linguistic imperialism, and social exclusion, while also reproducing asymmetries in access to linguistic capital. The study demonstrates that the communicative democratization promoted by ELF is relative and paradoxical, as it coexists with mechanisms of marginalization of minority languages and speakers without access to valued proficiency. It concludes by advocating for language policies that promote multilingualism, challenge homogenization, and advance social justice, ensuring that the use of ELF as a global resource does not occur at the expense of linguistic and cultural diversity.

Keywords: English as a Lingua Franca; Critical Discourse Analysis; Linguistic Imperialism.

INTRODUÇÃO

A ascensão do inglês como língua franca global é um fenômeno indissoluvelmente ligado a processos históricos, econômicos e políticos que remontam ao colonialismo britânico e à posterior hegemonia econômica e cultural dos Estados Unidos. Nas últimas décadas, o Inglês como Língua Franca (ILF) consolidou-se como o código preferencial em domínios críticos como negociações internacionais, finanças, ciência, tecnologia e mídia, transcendendo suas origens nativas para tornar-se um recurso comunicativo partilhado por falantes de diversas línguas maternas. Sua função como ponte linguística, facilita interações que, de outra forma, seriam limitadas por barreiras idiomáticas, promovendo um fluxo aparentemente mais democrático de informações e conhecimentos.

Este artigo tem como objetivo, proporcionar uma reflexão crítica dos discursos que permeiam o ILF, interrogando tanto suas potencialidades inclusivas, quanto suas implicações excludentes. Para tal, adota-se o quadro teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme desenvolvido por Norman Fairclough, que possibilita examinar o fenômeno por meio de três dimensões interligadas: o texto (elementos linguísticos), a prática discursiva (produção, distribuição e consumo do discurso) e a prática social (contexto ideológico e de poder).

A intenção é explorar de forma dialética os aspectos positivos - como a democratização do acesso à informação e a flexibilidade adaptativa - e os negativos - como o imperialismo linguístico e a perpetuação de desigualdades -, oferecendo assim uma

compreensão contratada do ILF como um campo de lutas simbólicas no panorama global contemporâneo.

Além disso, a análise faircloughiana permite desvelar as contradições inerentes ao ILF: enquanto se apresenta como ferramenta de democratização e inclusão, sua disseminação está intrinsecamente vinculada a estruturas de poder neoliberais, que frequentemente reforçam assimetrias globais. Esta dualidade, exige um exame minucioso de como o discurso em torno do ILF é construído, naturalizado e contestado em diferentes contextos, revelando tanto sua capacidade de ‘empoderamento’ quanto seu potencial de marginalização.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo adota a ACD, conforme desenvolvida por Norman Fairclough (2001), como seu quadro teórico-metodológico principal. A escolha por esta abordagem deve-se à sua capacidade de desvendar as relações entre linguagem, poder e ideologia, tornando-a particularmente adequada para investigar um fenômeno complexo como o ILF, que vai além de aspectos puramente linguísticos.

O método fundamenta-se no modelo tridimensional de Fairclough, que examina o objeto de estudo por meio dos níveis interligados de texto, prática discursiva e prática social. O percurso metodológico complementa-se com a contextualização dessas análises, no âmbito das práticas sociais mais amplas, como a globalização neoliberal e as dinâmicas de imperialismo linguístico. Este passo, permite interpretar criticamente os dados, articulando-os com o debate sobre como o ILF, que pode simultaneamente reproduzir desigualdades e servir como ferramenta de agência e resistência cultural, conforme teorizado por autores como Phillipson (1992) e Canagarajah (2012).

A Análise Crítica do Discurso de Fairclough

A ACD, conforme proposta por Norman Fairclough, emerge como um quadro teórico-metodológico essencial para desvendar as complexas relações entre linguagem, poder e sociedade. Fairclough (2001) entende o discurso, não como um espelho neutro da realidade, mas como uma forma de prática social que constitui e é constituída, pelas estruturas sociais. Esta abordagem dialética, insere-se no campo mais amplo da Linguística Crítica, buscando

explicitar como os discursos naturalizam ideologias e mantêm relações de dominação, geralmente invisibilizadas no cotidiano.

Para o autor, a tarefa da ACD é desnaturalizar o óbvio, questionando por que certos significados e representações são produzidos e não outros, e quais interesses eles servem. Essa perspectiva é particularmente potente, para investigar fenômenos linguísticos globais, como o ILF, pois permite examinar como a linguagem está implicada em macroprocessos sociais, como a globalização e o neoliberalismo.

O modelo tridimensional de Fairclough, oferece uma ferramenta concreta para operacionalizar essa investigação, propondo que, qualquer evento discursivo deve ser analisado em três níveis interconectados: o texto, a prática discursiva e a prática social. O primeiro nível, o texto, envolve a análise linguística interna (vocabulário, metáforas, modalização, estrutura argumentativa). O segundo, a prática discursiva, focaliza os processos de produção, distribuição e consumo do texto, ou seja, como ele é criado, circula e é interpretado em contextos específicos. Por fim, o terceiro nível, a prática social, situa o discurso em seu contexto ideológico e histórico mais amplo, examinando como ele reproduz ou desafia estruturas de poder e dominância (Fairclough, 2001).

Esta tríade assegura que a análise não se restrinja à superfície linguística, mas avance para interpretar o discurso como ação social. Por exemplo, ao analisar um texto que promove o ILF, pode-se examinar seu léxico (texto), seu papel em um curso de capacitação corporativa (prática discursiva) e sua ligação com a exigência de um mercado de trabalho globalizado (prática social).

A aplicação da ACD faircloughiana ao estudo do ILF é, portanto, profundamente reveladora. Ela permite transcender a visão do inglês, como meramente um instrumento pragmático e neutro de comunicação, deslocando o foco para seus aspectos políticos e ideológicos. Conforme sustentado por Phillipson (1992), o discurso em torno da "necessidade" e "neutralidade" do inglês global é, ele próprio, um constructo discursivo que, frequentemente, mascara uma prática social de imperialismo linguístico.

A tridimensionalidade de Fairclough, fornece as lentes para decodificar como esse discurso é textualmente construído, amplamente disseminado pelas indústrias da educação e da mídia (prática discursiva) e, em última instância, como serve a interesses econômicos e políticos hegemônicos, numa ordem global neoliberal (prática social). Dessa forma, a ACD não se limita a descrever; ela se engaja em uma crítica que visa à transformação social,

aspirando a uma sensibilização que possa fomentar práticas linguísticas mais igualitárias e inclusivas.

O ILF como Objeto de Análise Discursiva

O ILF, configura-se como um fenômeno discursivo complexo e multifacetado, que transcende a noção de um mero instrumento de comunicação neutro. Sua ascensão como código global, está intrinsecamente ligada a processos históricos, econômicos e políticos hegemônicos, que podem ser desnaturalizados através de uma análise crítica.

Ao adotar a perspectiva da ACD, propõe-se examinar o ILF não apenas como um sistema linguístico, mas como um locus onde se produzem, reproduzem e contestam relações de poder, identidades e ideologias. Como destacam Fairclough (2001) e Pennycook (2006), a linguagem é uma prática social imbricada em estruturas de dominação, e o ILF, pela sua própria natureza global, oferece um campo privilegiado para observar como os discursos sobre a "globalização", "eficiência" e "neutralidade" linguística, são construídos e legitimados. Esta abordagem, permite ir além da superfície do texto, para interrogar as condições sociais que tornam o ILF um fenômeno aparentemente inevitável e desejável.

Neste contexto, o ILF torna-se um objeto de análise particularmente fértil quando investigado através da lente da tridimensionalidade faircloughiana - texto, prática discursiva e prática social. No nível textual, é possível analisar as próprias características linguísticas do ILF (como a simplificação sintática, a tolerância a variantes fonéticas ou o uso de *code-switching*), que desafiam as normas dos falantes nativos e refletem uma adaptação pragmática à comunicação internacional (Seidlhofer, 2011).

Contudo, a análise não pode parar aí, deve prosseguir para o nível das práticas discursivas, investigando como o ILF é produzido (por exemplo, em manuais de negócios internacionais ou políticas educativas) e consumido (pelos falantes não nativos em interações concretas). Este exame, revela tensões entre a ideologia da eficiência comunicativa e a realidade de assimetrias de poder, onde a fluência no inglês ainda funciona como capital cultural valorizado (Bourdieu, 1996), criando hierarquias entre os próprios falantes não nativos.

No nível macro da prática social, a análise discursiva do ILF conecta-se criticamente com debates sobre imperialismo linguístico, identidade cultural e desigualdade global. A disseminação do ILF é, simultaneamente, um produto e um motor da globalização neoliberal,

servindo frequentemente aos interesses de conglomerados econômicos e nações anglófonas, como argumenta Phillipson (1992).

O discurso que promove o ILF como uma ferramenta indispensável e benigna pode, assim, mascarar uma prática social de marginalização de outras línguas e dos falantes que não dominam o inglês. No entanto, uma perspectiva crítica também deve reconhecer a capacidade de ação dos falantes não nativos, que se apropriam do ILF para seus próprios fins, resistindo à homogeneização e criando novas formas de identidade transcultural (Canagarajah, 2012). Portanto, analisar discursivamente o ILF implica um equilíbrio delicado: criticar suas amarras, com estruturas de poder hegemônicas, sem obscurecer seu potencial como espaço de resistência e reconfiguração identitária.

ANÁLISE CRÍTICA DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

O estudo do Inglês como Língua Franca, exige uma abordagem que, ultrapasse sua dimensão instrumental, incorporando uma reflexão crítica, sobre seus desdobramentos políticos, ideológicos e sociais. Nesta seção, o modelo tridimensional de Fairclough, serve como base para decifrar as contradições inerentes a esse fenômeno, avaliando tanto suas possibilidades de inclusão quanto seus efeitos na perpetuação de assimetrias globais.

Mediante um exame dialético, contrastam-se os benefícios relacionados à democratização comunicativa e à adaptabilidade cultural com as estruturas de poder e exclusão associadas à sua difusão. Propõe-se, assim, construir uma visão multifacetada que compreenda o ILF, como um espaço de disputa simbólica, no qual se reconfiguram identidades, hierarquias e oportunidades no cenário linguístico global.

Aspectos Positivos: inclusão e pragmatismo global

A ascensão do ILF, tem sido frequentemente associada a dinâmicas de poder e homogeneização cultural. No entanto, uma análise crítica abrangente, deve também reconhecer os seus aspectos potencialmente positivos e emancipatórios. Sob uma perspectiva pragmática, o ILF emerge não apenas como um instrumento de dominação, mas também como uma ferramenta de inclusão e adaptação que oferece novas possibilidades de agência a falantes não nativos.

Esta seção examina criticamente duas dimensões fundamentais, onde o ILF demonstra seu potencial integrador: a sua função na democratização da comunicação e a sua notável

flexibilidade e adaptação cultural. Através desta análise, busca-se compreender como o ILF pode, em certos contextos, funcionar como um recurso estratégico que desafia hierarquias linguísticas rígidas e facilita a participação em esferas globais.

Democratização da Comunicação

O Inglês como Língua Franca, atua como um poderoso catalisador para a democratização do acesso à informação e ao conhecimento em escala global. Ao estabelecer um código comum, ele elimina barreiras linguísticas que outrora impediam ou limitavam a circulação de saberes. Essa função equalizadora, é particularmente evidente no domínio científico, onde o ILF se consagrou como a língua franca das publicações, conferências e colaborações acadêmicas internacionais.

Conforme destacam pesquisas na área de linguística aplicada, essa padronização linguística permite que, pesquisadores de diferentes nacionalidades acedam, contribuam e critiquem produções científicas em pé de igualdade formal, fomentando um ecossistema de conhecimento, mais integrado e menos fragmentado, por fronteiras nacionais (Seidlhofer, 2011; Jenkins, 2014).

Para além da esfera acadêmica, o ILF exerce um papel fundamental na promoção da inclusão digital e no acesso a bens culturais. A predominância do inglês na internet - seja em plataformas de educação a distância, repositórios de software de código aberto ou na produção de conteúdo de grandes portais – significa que seu domínio básico, confere a indivíduos não nativos, uma chave para um vasto cabedal de recursos, ferramentas e oportunidades que de outra forma, permaneceriam inacessíveis.

Esta realidade é analisada por estudiosos como Crystal (2003), que reconhecem no fenômeno uma dimensão de empoderamento comunicativo, na medida em que o ILF funciona como um recurso compartilhado que, pode ser apropriado por comunidades diversas para seus próprios fins, sem necessariamente estar vinculado à cultura de países anglófonos hegemônicos.

Contudo, é crucial analisar criticamente essa "democratização" através da lente da tridimensionalidade de Fairclough. Se, por um lado, o texto de um manual técnico ou de uma plataforma digital em ILF é linguisticamente acessível (nível textual) e amplamente distribuído (prática discursiva), a prática social revela que o acesso ao capital linguístico necessário para essa participação não é universal.

Como argumenta Bourdieu (1991), a proficiência em uma língua de prestígio é uma forma de capital cultural, cuja distribuição desigual pode, paradoxalmente, criar novas hierarquias. Portanto, a democratização promovida pelo ILF é relativa: enquanto nivela o campo para aqueles com acesso ao aprendizado, pode simultaneamente aprofundar a exclusão daqueles sem tal acesso, exigindo que o discurso sobre sua neutralidade e benefício universal seja permanentemente questionado.

Flexibilidade e Adaptação Cultural

Um dos aspectos mais evidentes do ILF, é a sua notável plasticidade e capacidade de adaptação a contextos culturais locais diversos. Ao contrário de uma visão prescritiva, que defende a fidelidade às normas dos falantes nativos, o ILF caracteriza-se pela sua natureza negociada e híbrida. Como observa Seidlhofer (2011), os utilizadores de ILF, frequentemente desenvolvem estratégias comunicativas criativas - como a simplificação gramatical, a circundução e a tolerância a variantes fonéticas - que privilegiam a inteligibilidade mútua e a eficácia pragmática em detrimento da correção normativa.

Esta flexibilidade inerente ao ILF, permite que ele funcione como um veículo genuinamente internacional, moldado por e para os seus utilizadores em contextos transculturais. Essa adaptação, vai além de aspectos meramente linguísticos, refletindo-se também na apropriação cultural e identitária da língua. Canagarajah (2013) destaca que os falantes não nativos não são passivos; pelo contrário, exercem a sua capacidade de ação ao impregnar o ILF com traços das suas próprias identidades culturais, valores e modos de pensar.

Esse fenômeno é visível no surgimento de variedades reconhecíveis, como o Inglês Indiano ou o Inglês Nigeriano, que incorporam empréstimos lexicais, padrões entoacionais e estruturas discursivas das línguas maternas locais. Dessa forma, o ILF transforma-se de um instrumento de homogeneização cultural num espaço de expressão e negociação de identidades multiculturais, desafiando a noção de que a globalização linguística implica necessariamente a erosão das particularidades locais.

Contudo, uma análise crítica à luz de Fairclough (2001) convida a uma leitura atenta desta aparente flexibilidade libertadora. A prática social, revela que esta adaptabilidade nem sempre é valorizada de forma igualitária. Enquanto certos sotaques ou desvios das normas nativas, podem ser estigmatizados em contextos formais ou de poder - como em grandes

corporações internacionais ou em publicações acadêmicas mais conservadoras -, outros são tolerados ou mesmo valorizados.

Isto sugere que, a flexibilidade do ILF opera dentro de limites discursivos invisíveis, onde hierarquias linguísticas e preconceitos enraizados podem persistir (Lippi-Green, 2012). Assim, a adaptação cultural através do ILF é um processo complexo que, embora permita expressão identitária, também pode reproduzir assimetrias de prestígio e poder, dependendo do capital simbólico dos falantes envolvidos e do contexto social em que a comunicação ocorre.

Aspectos Negativos: hegemonia e desigualdades

Se, por um lado, o ILF apresenta facetas de inclusão e pragmatismo, uma análise crítica à luz da teoria de Fairclough, exige o exame aprofundado das suas dimensões problemáticas e reproduutoras de assimetrias. Esta seção debruça-se sobre os aspectos negativos do fenômeno, argumentando que, a sua aparente neutralidade esconde dinâmicas de poder profundamente enraizadas.

Por uma perspectiva que, articula a tridimensionalidade discursiva com as estruturas sociais mais amplas, serão analisados dois eixos centrais de crítica: o imperialismo linguístico e as perdas identitárias que lhe estão associadas, e a desigualdade no acesso e no poder discursivo que o ILF sistematicamente gera e reforça. Estes tópicos, revelam como o ILF pode funcionar, como um instrumento de manutenção de hierarquias globais, questionando narrativas triunfalistas sobre o seu papel no mundo contemporâneo.

Imperialismo Linguístico e Perdas Identitárias

A expansão global do ILF, não é um fenômeno neutro ou natural, mas sim um processo profundamente enraizado em relações de poder histórico-coloniais e econômicas. Sob a lente da Análise Crítica do Discurso, evidencia-se que a sua disseminação está intimamente ligada ao que Robert Phillipson (1992) conceituou como "imperialismo linguístico".

Este conceito descreve a forma como a promoção do inglês, frequentemente por meio de políticas educativas e de cooperação internacional lideradas por nações anglófonas, subjuga e marginaliza sistematicamente outras línguas, reestruturando hierarquias linguísticas globais. O discurso que apresenta o ILF como uma ferramenta meramente técnica e benéfica

para todos mascara, assim, uma prática social de dominação cultural e linguística, onde a "escolha" pelo inglês é, na realidade, uma imposição estruturada por interesses geopolíticos e econômicos hegemônicos.

Uma das consequências mais profundas deste imperialismo, é a erosão acelerada da diversidade linguística mundial e a ameaça às identidades culturais a ela associadas. Quando o inglês é elevado à condição de língua única do sucesso acadêmico, econômico e tecnológico, as línguas locais são frequentemente relegadas a domínios privados e informais, perdendo prestígio e valor instrumental, um processo que Bourdieu (1991) ajudaria a entender, como uma desvalorização do capital linguístico local.

Esta dinâmica gera o que Skutnabb-Kangas (2000) alerta ser um risco de "linguicídio", onde línguas inteiras, e os sistemas de conhecimento e cosmovisões únicas que veiculam, desaparecem. A perda identitária é, portanto, dupla: individual, quando falantes internalizam a inferioridade da sua própria língua materna, e coletiva, quando comunidades perdem um pilar fundamental da sua herança e coesão cultural.

A tridimensionalidade de Fairclough (2001), permite desconstruir como este imperialismo opera discursivamente. Ao nível do texto, manuais e políticas que promovem o ILF utilizam um léxico de "oportunidade", "progresso" e "globalização", obscurecendo conflitos. Na prática discursiva, estes textos são produzidos e massificados por instituições poderosas (como agências de fomento ou conglomerados educacionais transnacionais) e consumidos como verdades incontestáveis.

Finalmente, na prática social, este discurso sustenta e é sustentado pela ordem neoliberal global, que privilegia a homogeneização para eficiência de mercado em detrimento da diversidade cultural. Desta forma, o ILF, longe de ser um simples meio de comunicação, transforma-se num mecanismo de poder que, ao mesmo tempo que oferece acesso a alguns, exige a subtração identitária de muitos, perpetuando uma assimetria profundamente enraizada no sistema mundial moderno.

Desigualdade no Acesso e Poder Discursivo

A promessa de democratização por meio do ILF, esbarra numa contradição fundamental: a reprodução de profundas desigualdades no acesso à aquisição da proficiência valorizada. O domínio do inglês, nas variedades prestigiadas internacionalmente, funciona como uma forma de capital cultural (Bourdieu, 1991), cuja distribuição é drasticamente

assimétrica. Esta assimetria não é acidental, mas estrutural, refletindo e reforçando divisões socioeconômicas existentes, tanto entre, quanto dentro, das nações.

Instituições de ensino de elite, recursos tecnológicos e oportunidades de imersão cultural estão desigualmente disponíveis, criando um abismo entre uma elite linguística globalizada e uma maioria que permanece excluída dos circuitos onde o ILF é moeda de troca essencial. Desta forma, longe de ser um simples equalizador, o ILF pode atuar como um mecanismo de filtragem social, onde o privilégio econômico se converte diretamente em privilégio linguístico. Esta desigualdade material no acesso, traduz-se diretamente numa desigualdade de poder discursivo.

Nas arenas internacionais, onde o ILF é a língua franca - como conferências acadêmicas, negociações diplomáticas ou sedes de organizações globais -, os falantes não nativos que não dominam as convenções discursivas e pragmáticas hegemônicas encontram-se em evidente desvantagem.

Como argumenta Fairclough (2001), o poder está frequentemente embutido nas próprias convenções de um gênero discursivo. Aqueles que já são proficientes nestas convenções (muitas vezes falantes nativos ou não nativos de elite) detêm o poder de ditar os termos do debate, de estruturar a argumentação e de marginalizar formas alternativas de expressão e conhecimento. O resultado é uma hierarquia discursiva onde certas vozes são amplificadas e validadas, enquanto outras são silenciadas ou ouvidas apenas por meio de um filtro, que lhes rouba a autenticidade e a força retórica.

A análise da prática social, o terceiro nível do modelo de Fairclough, revela que esta dinâmica está interligada com a economia política global. A indústria multibilionária do ensino de inglês, frequentemente operando sob uma lógica neoliberal, comercializa a proficiência linguística, transformando-a num serviço ao qual apenas alguns podem aceder em condições de excelência.

Consequentemente, o ILF opera como um campo onde se travam lutas pelo poder simbólico. A capacidade de participar plenamente e influenciar o discurso global torna-se um privilégio de classe, raça e nacionalidade. Portanto, a crítica deve concluir que o ILF, longe de ser um espaço neutro, é um palco onde se encenam e perpetuam velhas desigualdades, agora redefinidas sob a aparência de uma necessária e inevitável globalização linguística.

REFLEXÃO FINAL

Em síntese, a análise do Inglês como Língua Franca, pela perspectiva tridimensional de Fairclough, revela um fenômeno profundamente ambivalente. Por um lado, o ILF demonstra um potencial inclusivo inegável, facilitando a comunicação transnacional, em domínios cruciais como ciência, educação e comércio, permitindo que falantes não nativos negoçiem identidades e acessem recursos globais através de adaptações criativas e pragmáticas.

Por outro lado, sua disseminação está inextricavelmente ligada a estruturas de poder histórico-coloniais e econômicas, que perpetuam hierarquias linguísticas globais. A aparente neutralidade do ILF é, assim, desconstruída como um discurso que, frequentemente mascara práticas de imperialismo linguístico, nas quais a "escolha" pelo inglês é moldada por interesses hegemônicos que marginalizam línguas locais e ameaçam a diversidade linguística mundial.

Este estudo evidenciou que, os benefícios da democratização comunicativa e da flexibilidade cultural são contraditórios e desigualmente distribuídos. O acesso ao capital linguístico necessário para participar plenamente nas esferas onde o ILF opera, é estruturalmente desigual, refletindo e reforçando divisões socioeconômicas existentes.

Consequentemente, longe de ser um simples equalizador, o ILF pode atuar como um mecanismo de filtragem social, que converte privilégio econômico em privilégio linguístico e discursivo. Esta dinâmica cria uma elite global de falantes, enquanto exclui aqueles sem recursos para adquirir a proficiência valorizada, perpetuando assim assimetrias de poder, sob o véu de uma globalização inevitável e benigna.

Portanto, o artigo conclui que qualquer abordagem ao ILF deve evitar visões binárias - seja de celebração acrítica seja de condenação totalizante - e adotar uma postura dialética que reconheça tanto sua agência como ferramenta de resistência e comunicação quanto seu enraizamento em estruturas de dominação. A Análise Crítica do Discurso, mostra-se importante para desnaturalizar estes processos, revelando as ideologias embutidas nas práticas discursivas. Como implicação política, defende-se a promoção de políticas linguísticas que valorizem o multilinguismo, contestem a homogeneização e garantam que o uso do ILF, como recurso global, não ocorra à custa da diversidade linguística e da justiça social.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, v. 116, 1996.
- BOURDIEU, P. **Language and symbolic power**. Harvard university press, 1991.
- CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. New York: Routledge, 2012.
- CRYSTAL, D. **English as a global language**. Cambridge University Press, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- JENKINS, J. **Global Englishes: A Resource Book for Students**. 3rd ed. Routledge, 2014.
- LIPPI-GREEN, R. **English with an accent: Language, ideology and discrimination in the United States**. Routledge, 2012.
- PENNYCOOK, A. **Global Englishes and Transcultural Flows**. London: Routledge, 2006.
- PHILLIPSON, R. **Linguistic Imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- SEIDLHOFER, B. **Understanding English as a Lingua Franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- SKUTNABB-KANGAS, T. **Linguistic genocide in education or worldwide diversity and human rights?** Routledge, 2013.